

A POESIA QUE SEMPRE ESTEVE: PEQUENO ESTUDO DO "WORKSHOP DE EXPERIMENTOS LÍTERO-POÉTICOS"

DIEGO VICEREKI BRONISZAK¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹PPGAV – UFPel - diegobroniszak@gmail.com

²PPGAV – UFPel - angelapohlmann.ufpel@gmail.com

1- INTRODUÇÃO

É possível revolucionar a vida, os corpos e inclusive a linguagem com o olhar limpo – obscuramente limpo – da escrita dos poemas? Escrever, talvez, como se tratasse do fim do mundo. Como se já não houvesse tempo, nem palavras, mas um abismo existencial frente o qual apenas cabe à escrita. É apenas um ponto de partida, talvez apenas uma imagem: escrever, talvez, como se já não tivéssemos nem tempo, nem mundo.

Carlos Skliar, 2016

Escrever para rasurar a realidade. Fazer fissuras, mas também acariciá-la. Para tramar, urdir, emendar. Para cavar, estabelecer conexões. Escrever para aproximar, mas para tangenciar todas as distâncias possíveis. Escrever para tentar nominar esses abismos que brotam. Para dar passagem a afetos, mas muito mais, para desvelar o desconhecido. E assim, aqui também o faço. Aqui escrevo. Talvez, sempre um ponto de partida, ou quem sabe, a chegada a algum lugar. Talvez apenas um meio. A viagem.

O que apresento neste texto é uma breve reflexão centrada em minhas experiências decorridas no projeto de extensão¹ *Workshop de Experimentos lítero-poéticos*. Tal projeto, partiu das inquietações que tem movimentado minha pesquisa no mestrado em Artes Visuais (PPGAV-UFPel) na linha de pesquisa de 'Ensino da Arte e Educação Estética', onde desenvolvo uma reflexão pessoal de minhas próprias experiências com a escrita, não apenas no âmbito artístico, mas no fazer da própria investigação. Explorando a escrita, o fazer poético e a construção de minha "tripla identidade", se assim posso assumir, de artista, professor e pesquisador, descobrindo de que modo tais estudos poderiam contribuir para o desenvolvimento de metodologias que estimulem uma sensibilização e uma "percepção poética" (DUARTE Jr., 2010) na prática artística centrada na escrita. Para tanto, recorro em meus estudos a campos como a filosofia, mais especificamente a filosofia da linguagem a antropologia, a literatura, entre outros distintos pensamentos produzidos por várias correntes estéticas e artísticas. Frente a esse processo, que inicialmente nasce de meu fazer artístico, tento então compartilhar com os participantes da oficina experiências poéticas com o texto, com as palavras, partindo de metodologias experimentais cujo objetivo é despertar sensibilizações, instigar descobertas de latências no ato de escrever que possam contribuir para uma percepção mais poética. O poema, a escrita, como um possível caminho para se experimentar um "estado poético" (MORIN, 2005). Reconhecendo a escrita como modo de dizer o mundo, perceber-se nele, (re)inventar experiências com lugares (re)habita-los, viajar.

1. METODOLOGIA

Para a construção desta investigação, busco uma sintonia com as ideias mais significativas encontradas na "Artografia", procurando por um modo alternativo de fazer pesquisa, já descrito por Belidson Dias (2010), Rita Irwin & Alex Cosson (2004), entre outros.

¹ (PPGAV – UFPel, 2017) Workshop ministrado de 07 de julho de 2017 a 04 de agosto de 2017, às sextas-feiras, na Livraria UFPel, Pelotas, RS. Contou com 12 participantes divididos em duas turmas (manhã e tarde), num total de 40 horas de atividades. Neste workshop foram lançadas algumas metodologias experimentais que atravessam a literatura e a escrita, levando os participantes a buscar por uma poética e uma reflexão sobre os processos individuais de escrita.

Artografia, ou “A/R/Tografia” (Artist/Researcher/Teacher) é umas das formas de se praticar ABER (*Arts-Based Educational Research*), um método mais qualitativo de pesquisa em arte e educação, apresentando uma metodologia que contemple da melhor forma essa “tripla identidade” que se busca, problematizando as metodologias normalizadas e hegemônicas que formatam, conduzem, e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes e educação. “Ao aceitar e ressaltar a incerteza, a imaginação, a ilusão, a introspecção, a visualização e o dinamismo”, encontramos outros modos de se fazer pesquisa e desenvolver o conhecimento em artes (DIAS, 2010, p.4).

Em meus estudos, opto também por um estilo mais ensaístico de escrita, pensando sempre nesse processo, nesse experimentar. Valendo-me das ideias de Jorge Larrosa (2004, p. 31), considero o ensaio como um modo de escrita da experiência, como “uma linguagem que modula de uma forma particular a relação entre a experiência e o pensamento, entre experiência e subjetividade, e entre experiência e pluralidade”. Como o autor acredita (LARROSA, 2014, p.32), mais do que um gênero de escrita, o ensaio talvez seja “uma atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo”.

Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma determinada operação no pensamento, na escrita e na vida, que se realiza de diferentes modos em diferentes épocas, em diferentes contextos e por diferentes pessoas. Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p. 32).

Assim, procurando esse dobrar-se em si e ao revisitar essas experiências a partir do escrever, busco identificar de que modo esses experimentos se constroem nesses espaços de compartilhamento. Quais ideias são levantadas e provocadas? Quais as outras possibilidades vão se arquitetando e redirecionando meus estudos?

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os questionamentos que surgiram no espaço e tempo da oficina, tais como “por que escrevemos?”, “o que é a escrita?”, “o que é escrever poeticamente?”, encontrava uma forte relação com as reflexões que já trazia no andamento de minha pesquisa, e a partir do que Skliar (2016) já nos propõe aqui de início, pensava se tais inquietações caberiam mesmo apenas à escrita. Será que a escrita dos poemas daria conta dessas experiências que são buscadas? De todo modo, pude notar que a oficina mostrava-se como um lugar da troca. Um modo de me colocar em contato com o outro e propor possíveis experiências junto a esses seres escreventes. Lugar que aos poucos destacava algumas inquietações que carregava comigo. Em meio a muitos experimentos e discussões, a nossa relação racional e sensível com a realidade parecia sempre ser colocada em xeque. De olhar para a linguagem escrita e reconhecer uma ação humana que parece muitas vezes pertencer apenas à razão, mas ao mesmo tempo procurando pela poesia. Talvez, quem sabe, a busca por algo do qual ela naturalmente pertença. E essas provocações movimentavam muitas das conversas. “O que é mesmo escrever poeticamente?” Parecia ser uma questão cerne daquilo que fazíamos.

Octavio Paz (1982) nos diz que a ciência verifica uma crença comum a todos os poetas de todos os tempos: a linguagem é poesia em estado natural. Cada palavra ou grupo de palavras é uma metáfora. A escrita, então, poderia apontar essa percepção do mundo como uma plena metáfora. Lugar para percorrer e (re)inventar, habitar. Aprender a viver conscientes das ficções que criamos. Aprender a apalpar o vazio. Não como ausência, desaparecimento ou fim, mas como origem, como porvir (PEREIRA, 2012). Um caminho direto para a valorização de nossa existência como seres que percebem o mundo de modo plural. “Mas o que tornaria poético um texto?”

De acordo com Armindo Trevisan (2005, p. 99), “sabemos que poeta, antes de mais nada, é um falante que não quer ser um falante comum, mas um falante incomum”. O falante comum se preocupa em transmitir coisas. Do ponto de vista de questões da comunicologia, talvez seja aquele que busca mais objetividade e eficiência. Ele quer ser compreendido. Já o incomum quer mais é ser pressentido, ou simplesmente, sentido. Ele quer, dentro da racionalidade, ser compreendido para além da compreensão habitual, estereotipada do cotidiano.

Frente a isso, lembro-me de Duarte Júnior (2010) quando diz que o poema tem um sentido estésico. Que seu modo de apreensão não é somente intelectual, mas integralmente corporal, com todos os nossos sentidos ativos e atuantes. E isso porque o poeta busca por uma corporeidade das palavras, exigindo do leitor uma adesão física as materialidades da expressão, seja por relações, memórias... Ele é como uma espécie de “arqueólogo”, que busca profundamente nos estratos subterrâneos da linguagem uma expressividade distante das abstrações e das generalizações dos conceitos que fazem as palavras deixarem de respirar (DUARTE Jr., 2010). Ou ainda, como a imagem quase onírica que Ítalo Calvino (1990) nos propõe ao falar da poesia, todas essas “realidades” e “fantasias” só poderiam tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal.

As visões polimorfos obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses. Páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto. (CALVINO, 1990, p. 114)

E naquela oficina, o mar no qual navegávamos já era só uma imensidão de areia. Cada um de nós já era só água que se jorrava (fig 01 e 02). Pequenos alagamentos íntimos que naquela paisagem se expandiam e compunham um tipo de dança. Uma dança com o outro que ali estava e escutava. Em sintonia com uma busca que parecia sempre muito clara, mas sempre um mistério.



Figura 01 e 02 – “Cada um de nós já era só água que se jorrava” - Participantes do primeiro dia de workshop (manhã e tarde), espaço de leitura da Livraria da UFPel, 2017

3. CONCLUSÃO

O espaço construído através dessa oficina, sem dúvidas, foi e está sendo muito intenso para a minha pesquisa. Ele repercute a todo momento, atravessando conceitos que eu já havia estudado, reformulando ideias, alterando um pouco o percurso e propondo novos caminhos. A troca foi imensa e o levantamento realizado agora será material importante para a etapa atual da pesquisa no mestrado. Que me situa entre a pós-qualificação e esse último momento de construção da versão final do dissertar. O que trago aqui é apenas uma pequena

parte dessa experiência que ainda se constrói. Apenas uma das reflexões que carrego em minha pesquisa a partir de alguns dos registros que guardei. E olhar para todos esses registros e perceber como cada participante foi incorporando e deixando vasar essas experimentações todas em relação a busca pela poesia, está sendo um prazeroso desafio. Revisitar todos os exercícios propostos, todas as discussões, as ideias.

E esse poético, esse estado que se procurava despertar, talvez fosse mesmo um sair de si, um encontrar-se, um perceber o outro, uma intenção, uma lentidão, um sonho, uma vigília, uma degustação daquilo que era dito e não dito pelas palavras, pela boca... Talvez fosse tudo isso numa corporeidade polissêmica, plural. O sabor das palavras e sua relação com os sentidos daqueles que a experimentam. E foi um bocado disso tudo. Escrevíamos a todo momento. Mas como nos diz Luiz Antonio de Assis Brasil (2005), “escrever, todos escrevem”. Cabe então descobrir o que mais podemos desvelar nessa ação humana. Como podemos experimentar a escrita? O que nos torna criadores poéticos nesse tecer as palavras? Seria mesmo a poesia algo latente nessa relação com a realidade do mundo? Será que ela sempre está em nós? Será que ela sempre esteve?

4. REFERÊNCIAS

- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Escrever, todos escrevem. In: SOBRENOME, Nome [org.] **A face escondida da criação**. Porto Alegre: Movimento, 2005.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DIAS, Belidson. Preliminares: A/r/tografia como metodologia e pedagogia em arte. **Anais do Confaeb**, 2010. Acesso em 05 dez. 2014. Online. Disponível em: <2010. 200.18.6.3/aaesc/Anais/belidson.pdf>
- DUARTE Jr, João Francisco. **A Montanha e o Videogame**. São Paulo: Editora Papirus, 2010.
- IRWIN, Rita L., & de COSSON, Alex. (Eds.). **A/r/tography: Rendering self through arts-based living inquiry**. Vancouver: Pacific Educational Press. 2004.
- LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 29, n. 1, pp. 27-43. Jan/jun. UFRGS, 2004.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PEREIRA, Marcos Villela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**. Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012.
- SKLIAR, Carlos. Sentidos del escribir. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, vol. 9, n.2, p. 45-60, mai/ago. 2016.
- TREVISAN, Armindo. Observações sobre o ato criador poético. In: SOBRENOME, Nome [org.] **A face escondida da criação**. Porto Alegre: Movimento, 2005.